

IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

À MARGEM DOS JORNAIS: uma análise da representação das
áreas de vulnerabilidade social na imprensa capixaba

Ana Carolina RONCHI¹
Edgard REBOUÇAS²

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar de que forma a imprensa capixaba representa as áreas de vulnerabilidade social na região metropolitana do Espírito Santo. Pensar o jornalismo é voltar-se à instituição responsável por narrar os acontecimentos que, diariamente eclodem na tessitura social. Assim como os veículos, a atividade profissional também passa por transformações ao longo do tempo. Todavia, majoritariamente, o jornalista é o que vem da classe média. Sendo assim, como primeiro passo desse trabalho (que se encontra em desenvolvimento), propõe-se discutir além do jornalismo enquanto esfera responsável pelas narrativas sociais, o papel social do jornalista. Ao produzir um jornal, diversos espaços e grupos são representados, dos centros às periferias, dos moradores de bairros de luxo aos da favela.

Nesse conglomerado de complexidades sociais interessa-nos saber de que forma são constituídas as narrativas sobre os espaços de vulnerabilidade social no Espírito Santo. Levando em consideração o que aponta Michael Kunczik (1997, p. 16) - de que os jornalistas têm antecedentes na classe média – como esses profissionais narram sobre espaços dos quais eles não pertencem?

¹ Mestranda em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ana.ronchi.acr@gmail.com.

² Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Mestrado em Comunicação e Territorialidades (Universidade Federal do Espírito Santo). E-mail: edgard.reboucas@ufes.br.



Para mapear esses espaços foram utilizados dados do Programa do Governo do Estado do Espírito Santo denominado “Ocupação Social”. O estudo teve início no ano de 2015 e, após analisar os dados da violência dos últimos cinco anos, foram mapeados os 25 bairros que condensam, entre outros fatores, maior baixa renda, alta vulnerabilidade social, assim como altos índices de violência urbana - principalmente entre os jovens (SECRETARIA DE ESTADO DE DIREITOS HUMANOS, s.d.).

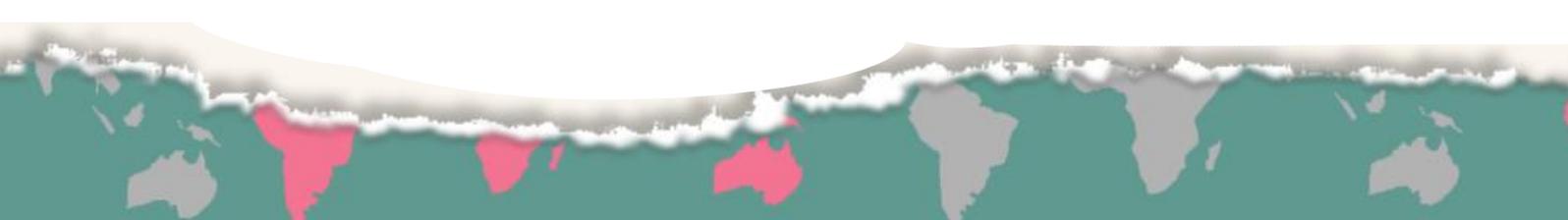
Neste trabalho, especificamente, são levados em consideração os bairros mapeados pela pesquisa que se concentram na Região Metropolitana da Grande Vitória. São eles: Nova Palestina, de Vitória; Barramares, Ulisses Guimarães, Boa Vista (I e II), São Torquato e Santa Rita, de Vila Velha; Feu Rosa, Vila Nova de Colares, Jardim Carapina, Novo Horizonte, Planalto Serrano, Central Carapina e Bairro das Laranjeiras, da Serra; Castelo Branco, Nova Rosa da Penha, Flexal II e Nova Esperança, de Cariacica (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2017)

Nota-se, portanto, a complexidade de uma problemática social. Tem-se o intuito de lançar um novo olhar sobre algo corriqueiro. Os jornais, responsáveis por narrar sobre o cotidiano, acabam, por vezes, reduzindo os acontecimentos a simples dados (como número de homicídios, por exemplo), sem que haja maior preocupação em questionar o fenômeno social.

Por vezes são veiculadas narrativas sobre áreas de vulnerabilidade social que estampam as páginas dos jornais principalmente pelas notícias de violência e, tem, portanto, lugar quase que cativo nos cadernos de Polícia. Há o desejo de compreender como os jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna* constroem notícias sobre essas localidades. Existem semelhanças e/ou diferenças entre os veículos? Há sobre esses bairros narrativas sobre cultura, ou prende-se apenas às questões de violência? Há traços que se repetem nas narrativas?

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Visando chegar às conclusões dos questionamentos até aqui propostos, faz-se necessário lançar mão de processos metodológicos para atingir tais êxitos. Além da





pesquisa bibliográfica – que neste trabalho foca nos eixos teóricos que compreendem as discussões sobre a produção do conteúdo jornalístico, a vulnerabilidade social e as narrativas da violência – será utilizada a Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), investigando que temáticas levam as áreas vulneráveis a serem notícias e que fontes são acionadas ao falar sobre esses espaços. Serão analisadas as edições do ano de 2016 dos dois jornais. As editorias dos veículos utilizadas na pesquisa são as de Cidades, Polícia e Cultura.

O recolhimento do material foi realizado utilizando o acervo do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo. O programa tem armazenado todas as edições do ano de 2016 dos jornais *A Gazeta* e *A Tribuna*. Para selecionar que matérias são utilizadas fez-se uso de palavras-chave que correspondem ao nome dos bairros já listados anteriormente, como “Feu Rosa”, por exemplo.

A respeito da discussão teórica, em um primeiro momento é desenvolvido um diálogo sobre o processo de legitimação do jornalismo como uma intelectualidade autorizada a narrar sobre o cotidiano. Para visualizar essa maneira de conceber a profissão, são usadas as definições do sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007). Ainda dentro das discussões sobre a profissão, inserem-se a teoria do *Newsmaking* – abordada por sistematizadores como Traquina (2013) e Wolf (2003), assim como Kunczik (2002), Tuchman (1978) e Gerbner (1988) –, discute-se ainda sobre o campo jornalístico empregando também conceitos de Opinião Pública de Walter Lippmann (2008). Por fim, para uma discussão sobre os conceitos de vulnerabilidade social e violência serão utilizados entre outros, Monteiro (2011), Cunha (2004) e Zizek (2014).

Pretende-se, como última etapa, entrevistar os editores dos dois jornais estudados. Ao dialogar com tais atores sociais será possível compreender mais a fundo os tipos de abordagens que são feitas, assim como de que forma as coberturas jornalísticas são realizadas.





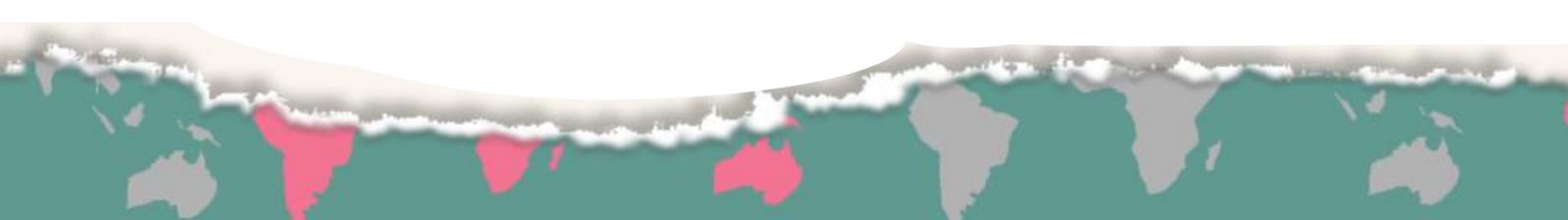
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como a pesquisa ainda está em andamento, não é possível estabelecer previamente quais são os resultados finais obtidos. Porém, como primeiro passo do trabalho, desenvolve-se a discussão sobre o jornalismo e o espaço que o mesmo ocupa na tessitura social. Recorrendo a atores como Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p. 18), discute-se o jornalismo enquanto atividade norteadora para entendimento da sociedade. E é exatamente por isso que há a preocupação com a natureza das notícias, tal qual, do jornalismo: eles influenciam a qualidade de vida das pessoas, os pensamentos e a própria cultura.

Se por um lado ressalta-se a importância da atividade, por outro, tem-se a consciência de que o jornal nunca será um relato em primeira mão – devido aos vários filtros pelos quais passa um fato até que vire notícia. Assim sendo, recorre-se à discussão de Walter Lippman (2008, p. 296) que reflete sobre a produção de conteúdo, relacionando-o à formação da Opinião Pública, assim como a criação de estereótipos. E, seguindo esse raciocínio, discute-se também sobre a figura do profissional enquanto intérprete da realidade, assim como formula Cremilda Medina (1982). Levantando, portanto, o questionamento de que realidade é essa constituída pelos veículos impressos capixabas – especialmente no que diz respeito às áreas de vulnerabilidade social.

Propõe-se a análise de dois jornais concorrentes para que seja possível o mapeamento de possíveis semelhanças e diferenças entre eles. Entretanto, ao menos de acordo com o professor Michael Kunczik (1997, p. 191), há que se considerar que os jornalistas tendem a produzir conteúdos parecidos. O autor argumentava que, é muito provável que os jornalistas construam para si imagens do público que correspondam ao seu próprio lugar e de seus pares.

Levando em consideração o que aponta Kunczik, é possível que tais conteúdos sejam recebidos com estranhamento por grupos que não se encaixam nesse extrato social/intelectual específico do qual o jornalista faz parte. Nilson Lage (2001, p. 101) também dialoga sobre essa questão. O autor reforça que, nesse processo de enquadrar os fatos sociais em modelos pré-estabelecidos, existem as figuras críticas: aquelas que não se enquadram por algum motivo nas rotulações. Assim





como existem também os acontecimentos críticos que acabam por desafiar a ordem do mundo, merecendo um tratamento particular: ora serão tachados de trágicos (crimes da alta sociedade), ora como deploráveis (suicídio). Será possível detectar esse tipo de marcação nas narrativas dos jornais capixabas?

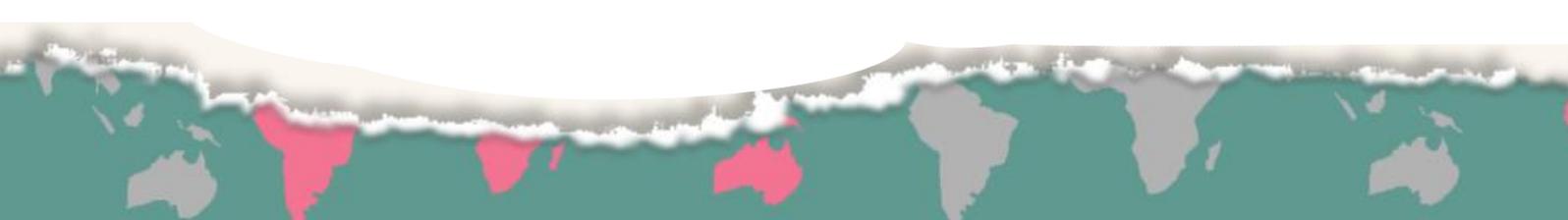
4 CONCLUSÕES

O jornalismo se dá como atividade estabelecida entre seres humanos, logo pensar na formação dos indivíduos que atuarão nesse processo é fundamental. Não apenas no âmbito técnico, mas também no que diz respeito ao relacional. Assim sendo, Marcondes Filho (2000, p. 64) estabelece uma crítica em torno de tal temática, pois a realidade sobre a qual se narra é cada vez mais complexa, enquanto a formação cada vez mais precária. Seja pelo formato do veículo, linha editorial ou tempo, muitos serão os filtros influenciadores na produção dos conteúdos nos jornais. E é principalmente ao se deparar com temáticas que flertam com estereótipos e/ou estigmas sociais que essa formação será colocada em cheque. É o profissional capaz de trazer ao público discussões que não se reduzam às imagens pré-estabelecidas de espaços e pessoas? Ao falar sobre as áreas de vulnerabilidade social e violência, serão capazes os jornalistas de tecerem e ampliarem as discussões sobre essa problemática social? Ou as temáticas ficarão presas no simples relato dos fatos?

Como tentativa de esclarecer e refletir sobre esse questionamento, Cláudia Lago (2010, p. 11) reforça o papel da alteridade ao lidar com o próximo, assim como da checagem do que se é produzido. Para a autora, faz-se necessário incorporar a desconfiança como garantia.

Nos casos dos bairros de vulnerabilidade, por exemplo, corre-se o risco de tecer narrativas que revelam apenas as fontes oficiais (como a polícia e/ou a Secretaria do Estado de Segurança Pública), deixando de lado o posicionamento daqueles que, diariamente, estão em contato com a violência: os moradores.

São reflexões como as de Marcondes Filho (2000) e Lago (2010) que servem como direcionamentos para entender que realidade é essa noticiada pelos veículos. Serão





também por meio delas possível discutir e pensar que outras abordagens são possíveis para a criação de conteúdos que proponham maior debate e menos compartilhamento de ideias enviesadas.

5 PALAVRAS-CHAVE: Imprensa. Vulnerabilidade Social. Violência.

6 REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Oeiras: Celta Editora, 1997.

CUNHA, José Marcos P. da et al. **A Vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas**, 09/2004, Cinetífico Nacional, XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Vol. 1, pp. 1-19, Caxambu, MG, Brasil, 2004.

GERBNER, George; SIGNORIELLI, Nancy. **Violence and Terror in the Media: An Annotated Bibliography**. 1988.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2017. **Caderno de diagnóstico territorial dos bairros do projeto Ocupação Social**, 2017. Informações disponíveis em: <<http://www.ijns.es.gov.br/artigos/4790-cadernos-de-diagnostico-territorial-dos-bairros-do-projeto-ocupacao-social>>. Acesso em: 30/09/2018.

KUNCZIC, Michael. **Conceitos de Jornalismo Norte e Sul**. São Paulo: Edusp, 2002.

LAGO, Cláudia. Ensinamentos antropológicos: a possibilidade de apreensão do Outro no Jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, p. 156-170, 2010.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Tradução Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

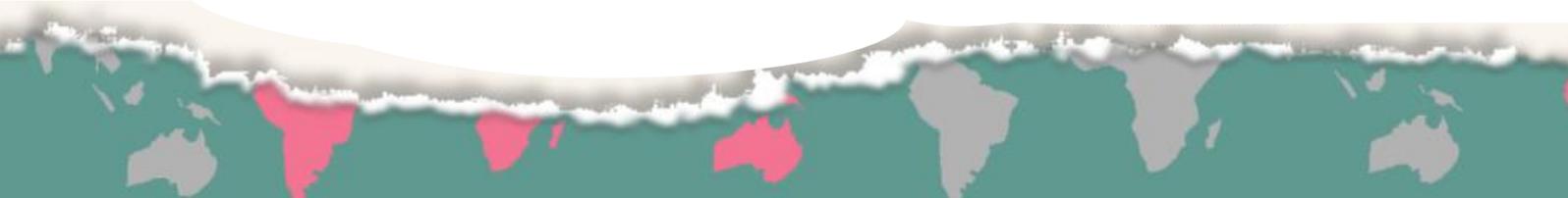
MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec, 1999.

MONTEIRO, Simone Rocha da Rocha Pires. O marco conceitual da vulnerabilidade social. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 17(2): 29-40, jul.-dez./2011.

SECRETARIA DO ESTADO DE DIREITOS HUMANOS. **O Programa**, s. d.. Informações disponíveis em: <<https://sedh.es.gov.br/o-programa>>. Acesso em: 30/09/2018.

TUCHMAN, Gaye. **News making**. A study in the construction os reality, 1978.





WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. Martins Fontes, 2003.

ZIZEK, S. (2014). **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 131.

